



## ENTRE O “DITO” DE *ANDY CLEMENT SERKISE* O “NÃO-DITO” DO *GOLLUM*: UM ESTUDO ACERCA DO SUJEITO DO DISCURSO



## BETWEEN THE ANDY CLEMENT SERKIS “SAID” AND THE GOLLUM’S “NON- SAID”: A STUDY ABOUT OF THE DISCOURSE SUBJECT

ADILIO JUNIOR DE SOUZA, UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, BRASIL

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 29/07/2014 • APROVADO EM 22/12/2014

---

### Abstract

---

We investigate in this article the Andy Clement Serkis “said” in the world premiere about “The Lord of the Rings: the return of the king” (2003), because he incorporated the Gollum “non-said”, a character that he interpret in Trilogy “The Lord of the Rings”. A study refined about the “said” from a subject reveal that can’t understand it in context outside in the discourse produced to it. So, concepts as “discourse subject” made by Lyons (1979) and Brandão (2012), the “subjectivity” aims by Brandão (2004) and “dialogism/polyphony” from Bakhtin (2010) will be very important to this paper, this analyses is based on Discourse

Analyses (AD), and pretends to do, if possible, an separation between the “I” (character) and the “I” (subject/actor”).



---

## Resumo

---

Investigamos neste artigo o “dito” de *Andy Clement Serkis* na *Première* mundial de “O Senhor dos Anéis: o retorno do rei” em 2003, ao incorporar o “não-dito” do *Gollum*, personagem que ele interpreta na trilogia “O Senhor dos Anéis”. Um estudo acurado do “dizer” de um sujeito revela que não se pode compreendê-lo *fora do contexto* no discurso qual foi produzido. Assim sendo, conceitos tais como o de “sujeito do discurso” formulado por Lyons (1979) e Brandão (2012), o de “subjetividade” apontado em Brandão (2004), assim como o de “dialogismo/polifonia” de Bakhtin (2010) serão de suma importância para este estudo, análise esta que terá como embasamento teórico a *Análise do Discurso*, tendo em vista estabelecer, se possível, uma separação entre o “eu” (personagem) e o “eu” (sujeito/ator).

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Gollum. Andy Clement Serkis. The Lord of the Rings. Subject. Discourse.

**PALAVRAS CHAVE:** Gollum. Andy Clement Serkis. O Senhor dos Anéis. Sujeito. Discurso.

---

## Texto integral

---

### Introdução

Em o “O Hobbit: uma jornada inesperada” (2012), filme dirigido por *Peter Jackson*, encontra-se novamente a personagem chamado pelo hipocorístico “a criatura *Gollum*” (personagem interpretado por *Andy Clement Serkis*), que quando tinha a forma de um *Hobbit* (pequenos seres que habitavam nos “bolsões” embaixo da terra), era chamado de *Sméagol*.

Este personagem, que para muitos é um dos mais importantes na antiga trilogia “O Senhor dos Anéis”, sempre apresentou um modo peculiar de falar. Em suas falas ou dizeres, ouve-se uma dupla voz, uma “boa” e uma “má”, uma negativa e em seguida uma afirmativa ou vice-versa.

Na *Première* mundial de “O Senhor dos Anéis: o retorno do rei”, em dezembro de 2003, o ator *Andy Clement Serkis* “reincorpora” a sua personagem, o *Gollum* e profere um “dizer” que claramente se assemelha aos “dizeres” deste *Hobbit*, mas que na essência do dito há algo que não seria comum a ele: a palavra-chave do dito.

As palavras-chave do *Gollum*, nos longas-metragens “O Senhor dos Anéis: a sociedade do anel” (2001), “O Senhor dos Anéis: as duas torres” (2002) e “O Senhor dos Anéis: o retorno do rei” (2003) são aquelas que remetem a “Terra-Média” e tudo aquilo que envolve o “Precioso” (o “Um Anel” ou o “Grande Anel”, de *Sauron*).



Ao proferir o enunciado: “Wellington é uma droga. Não, não, meu precioso... Nós amar Wellington. É nossa amiga” (*apud* SALEM, 2003, p. 25), o ator causou um furor na plateia que imediatamente o aplaudiu contente. Isto pode parecer estranho aos nossos olhos, de imediato, mas faz muito sentido quando percebemos que as pessoas que estavam naquela *Première*, sabiam perfeitamente do que se tratava. É evidente que para se compreender este dito é preciso analisá-lo *conforme o contexto*. Nas seções que se seguem, tentar-se-á esclarecer como isto acontece.

## 1. O Gollum Na Trilogia “O Senhor Dos Anéis” De J.R.R. Tolkien

A antiga trilogia “O Senhor dos Anéis” foi escrita originalmente pelas mãos do escritor inglês J.R.R. Tolkien. A trilogia divide-se em três obras: ***The Lord of the Rings: The Fellowship of the Ring***, ***The Lord of the Rings: The Two Towers*** e ***The Lord of the Rings: The Return of the King***. Há ainda duas outras obras do mesmo autor, que são: ***The hobbit*** e ***The Silmarillion***.

A trilogia foi adaptada aos cinemas entre os anos de 2001 a 2003, assim como recentemente saíram também adaptações de “*The Hobbit*” em três partes: “O Hobbit: uma jornada inesperada” (2012), “O Hobbit: a desolação de Smaug” (2013) e sairá um terceiro filme que é uma continuidade (final de 2014). O terceiro longa-metragem está na fase de pós-produção e o título será: “O Hobbit: a batalha dos cinco exércitos”, o que foi confirmada pela *Warner*, produtora do filme.

Em todos os livros em que aparece, assim como nos filmes, o *Gollum* é uma personagem marcante. E *Andy Clement Serkis*, o ator que a interpretou, tornou-se igualmente marcante. O sucesso do *Gollum* foi tão grande que o ator escreveu um livro cujo título é o mesmo nome deste ser criado por Tolkien.

Uma das características mais peculiares deste “*Hobbit*” é o seu modo de falar, isto é, a personagem faz um uso de uns “dizeres” muito curiosos. Sempre muito ambíguo em tudo o que diz, ora afirmando, em seguida negando, ora negando, mas em seguida reafirmando; sem falar no som da voz, que é muito aguda e melódica.

Em muitos momentos ouve-se até a flexão verbal diferente do comum; os verbos são frequentemente conjugados no plural ou no infinitivo. O que separa claramente, o ator da personagem. Notamos isto em fragmentos do tipo:

[...] O grito fez com que o coração de Bilbo lhe viesse à boca, mas mesmo assim ele continuou correndo. Agora, fraca como um eco, mas ainda ameaçadora, ouvia a voz ao longe:



— **Ladrão, ladrão, ladrão! Bolseiro! Nós odeia ele, nós odeia ele, nós odeia ele pra sempre!** (falas do *Gollum* em “O Hobbit”, 2013, p. 87, grifo nosso).

Há no *Gollum* um conflito dentro de si e este conflito pode ser entendido como a dualidade de seres que ele representa: um mau, que é o *Gollum* e um bom, que é o *Sméagol*. O *Gollum* também costumava falar consigo mesmo, como se verá mais adiante. É como se o consciente estivesse literalmente dialogando com o inconsciente. E o mais interessante disto tudo é que até a voz de um difere da do outro: uma é doce e calma, a outra é rude, sarcástica e sussurrada. Há, como diria Bakhtin (2010), um “diálogo” entre as vozes. Isto é, as noções de **dialogismo** e **polifonia** se mostram aqui com força.

Mas vale dizer que:

[...] O dialogismo do círculo de Bakhtin, no entanto, não tem como preocupação central o diálogo face a face, mas diz respeito a uma teoria de dialogização interna do discurso. É nesse sentido que, para Bakhtin, o discurso cujo dialogismo se orienta para outros discursos e para outros da interlocução, instaura-se numa perspectiva plurivalente de sentidos, bem como a própria palavra que, pelo fato de ser atravessada por sentidos constituídos historicamente, não é monológica, não é neutra, mas atravessada pelos discursos nos quais viveu sua existência socialmente sustentada (MUSSALIM, 2012, p. 150).

Nisto, espera-se que a dualidade de vozes que se ouve tanto nos livros quanto nos filmes representa uma *polifonia* revelada a partir do *Gollum/Sméagol*. Há ainda uma terceira voz, portanto, a do ator. Concluimos assim, que são três vozes que se apresentam no dito de *Andy*: a do *Gollum* (o *eu*, personagem “1”), a do *Sméagol* (o *eu*, personagem “2”) e de *Andy* (o *eu*, sujeito do discurso/ator).

Passemos agora às falas do *Gollum/Sméagol* e em seguida voltaremos à fala de *Andy*. Nos trechos abaixo, encontram-se algumas passagens extraídas dos livros, nas quais se encontram as falas deste *Hobbit*.

**(I) O Hobbit (2013, p. 73):**

Gollum entrou no barco e afastou-se da ilha enquanto Bilbo estava sentado na borda, completamente atarantado, no fim do caminho e com o juízo no fim. De repente surgiu Gollum, sussurrando e chiando:

— **Que beleza e que moleza, meu preciosso! Acho que temos um lauto banquete, pelo menos um bom bocado para nós, gollum!** — E quando ele dizia gollum, fazia um ruído horrível na garganta, como se

estivesse engolindo alguma coisa. Era assim que tinha conseguido esse nome, embora sempre chamasse a si mesmo “meu precioso”.



O hobbit quase pulou fora da própria pele quando o chiado chegou-lhe aos ouvidos, e, de repente, viu os olhos pálidos e salientes voltados para ele.

— **Quem é você?** — perguntou ele, erguendo o punhal à sua frente.

— **Quem é ele, meu preciosso?**— sussurrou Gollum (que sempre falava consigo mesmo porque nunca tinha com quem falar). Era o que vinha descobrir, pois, na verdade, não estava muito faminto no momento, apenas curioso, caso contrário, teria agarrado primeiro e sussurrado depois (grifo nosso).

**(II) O Senhor dos Anéis: a sociedade do anel** (2013, p. 18):

No final, juntando toda sua coragem, pulou por cima de Gollum no escuro, e fugiu pela passagem, seguido pelos gritos de ódio e desespero de seu inimigo: — **Ladrão, ladrão! Bolseiro! Nós odeia ele para sempre!**(grifo nosso).

**(III) O Senhor dos Anéis: as duas torres** (2013, p. 157-158):

Ergueu a cabeça, e os hobbits tiveram a impressão de tê-lo ouvido cuspir. Depois continuou outra vez. Agora podiam ouvir sua voz rangendo e assobiando.

—**Ach, sss! Cuidado, meu precioso! Devagar se vai ao longe. Não devemos arrisscar nosso pessscoço, devemos, precioso? Não, precioso gollum.** — Ergueu a cabeça de novo, piscou para a lua, e rapidamente fechou os olhos. — **Odíamos ela** — chiou ele. — **Sssórdida, ssórdida luz que fica tremendo e nos esspionando, precioso - machuca nossos olhos.**

Estava chegando embaixo, e seus chiados ficaram mais agudos e audíveis. — **Onde está, onde está: meu Precioso, meu Precioso? É nosso, é sim, e nós quer ele. Os ladrões, os ladrões, os ladrõesinhos nojentos. Onde estão com meu Precioso? Malditos! Nós odeia eles** (grifo nosso).

**(IV) O Senhor dos Anéis: o retorno do rei** (2013, p. 218):

Um peso súbito o golpeou e ele caiu para a frente, raspando as costas das mãos que ainda seguravam as do mestre. Então percebeu o que acontecera, pois acima dele, enquanto estava no chão, ouviu uma voz odiada.

— **Messstre malvado!**— chiou a voz. — **Messstre malvado nos engana; engana Sméagol, gollum não deve ir por ali. Não deve**

*machucar o Precioso! Dê ele para Sméagol, ssim, dê ele para nós!*(grifo nosso).



Não é necessário apresentar outros fragmentos, pois estes já revelam o modo de falar deste *Hobbit*. Diante do exposto, vemos como o conflito (e diálogo) de vozes torna o *Gollum* uma personagem curiosa e muito interessante. Na adaptação para o cinema, o diretor *Peter Jackson* teve a “prudência” de conservar esta característica da personagem. O *Gollum* dos filmes é uma criação fidedigna ao original dos livros. Notamos isto, por exemplo, quando o *Gollum* fala (e canta) com o “Precioso” no filme “Hobbit: uma jornada inesperada” (a partir de 1h: 58m: 40s):

— *Ossosos demais, precioso! Não tem carne suficiente! Cale a boca! Arranque fora a pele. Comece pela cabeça.*

[Cantando]

*Frio seco, chão que morde a mão / Pros pés é duro / Pedra e seixo sem carne, vejo / É osso puro / Morto e frio sem ar um pio / É bom pra comer [...]*

E ao falar com o Bilbo Bolseiro (a partir de 2hs):

*Que beleza e que moleza, precioso! Olhe só quanta carne. Gollum. Gollum!*

A dupla voz aqui é algo que se refere à personagem fictícia, criada dentro de um conjunto de obras literárias, isto é, é um ser *ficcional* e não *real*. Por outro lado, *Andy Clement Serkis* é um ator britânico, com 50 anos e é, portanto, uma *pessoa*, ou seja, um *sujeito* no mundo real. Não se confundem e nem podem ser vistos como a mesma “pessoa” ou “ser”.

Deste modo, torna-se necessário compreender como *Andy* pôde fazer uso de um “não-dito” do *Gollum*, enunciando então um novo “dito”. É isto que a próxima seção irá discutir.

## 2. O “Dito” De Andy Clement Serkis A Luz Da Análise De Discurso

Antes de falar da Análise do Discurso (doravante AD) propriamente dita e de seus conceitos, é importante compreender qual a noção de *sujeito* que aqui será tomada. Ao tratar sobre a “dêixes e situação de enunciado” John Lyons (1979, p. 290) diz abertamente:

[...] Admitiremos ainda que o enunciado típico inclui uma referência a algum objeto ou pessoa, que pode ou não ser distinta do falante e do ouvinte, como: *Have you finished yet? X Has He finished yet? / Você já terminou? X Ele já terminou?*No momento, chamaremos esse objeto ou pessoa a que se faz referência no enunciado *sujeito do discurso*. O enunciado contará, portanto, tantos ‘sujeitos do discurso’ quantos sejam

os seus elementos lexicais que se refiram a objetos e pessoas (grifos do autor).



Assim, tomando esta noção de **sujeito do discurso** e ampliando-a, tem-se a seguinte formulação que este artigo toma: o sujeito do discurso será aquele do qual se diz alguma coisa, sendo que ele é o agente ativo que produz o enunciado. Na verdade, “[...] O falante utiliza a língua de acordo com a sua posição social e ideológica. Nesse contexto, o lugar do falante na perspectiva da Análise do Discurso é crucial”. Portanto, “O sujeito na AD é essencialmente marcado pela historicidade [...]” (BRANDÃO, 2012, p. 26).

Ora, o que este artigo pretende é exatamente falar deste sujeito ativo no mundo. Ao discursar na cidade de Wellington, capital da Nova Zelândia, *Andy* profere o tal enunciado arrepiante: “Wellington é uma droga. Não, não, meu precioso... Nós amar Wellington. É nossa amiga” (*apud* SALEM, 2003, p. 25). De algum modo, ele “entrou” na personagem ao “ar livre”. Ele se “apropriou” de um dizer, enunciando um novo dizer a partir do primeiro. A compreensão deste “dito” só é possível com o entendimento desta noção de sujeito da AD.

Brandão (2012, p. 26) conclui: “Assim, esse sujeito essencialmente marcado pela historicidade não é o sujeito abstrato da gramática, mas um sujeito situado no contexto sócio-histórico de uma comunidade, num tempo e num espaço concretos [...]”. Com base nestes argumentos, podemos ver que sujeito do discurso presente no enunciado tem que ser o *Andy* e não necessariamente o *Gollum* ou *Sméagol*. Por quê?

Primeiramente é importante ressaltar que o *Gollum* de Tolkien jamais diria o topônimo “Wellington”, pois ele não o conhece, não faz parte de seu contexto ou “mundo” (a “Terra-Média”). Nem mesmo usaria o vocábulo “droga” (que em inglês poderia ser *shit*, *drug* ou qualquer outra palavra com esta conotação). Como veremos mais adiante, o *Gollum* poderia usar topônimos como: **Erebor** (região que fica dentro da “Montanha Solitária”, onde habitavam os anões) ou **Valfenda** (região florida e bela, onde viviam os elfos guerreiros).

Por outro lado, *Andy* também jamais poderia dizer ou chamar a capital da Nova Zelândia de “droga” (na verdade, o ator poderia dizer tal coisa, mas pagaria um alto preço por isto!). O público presente se ofenderia fortemente. Igualmente estranho seria o ator falar de um “precioso”, “elfos” (seres guerreiros), orcs (seres maléficos de outras eras) ou “wargs” (lobos selvagens) fora da “Terra-Média”.

Neste ponto, para este estudo, torna-se necessário fazer a distinção entre o “eu” (personagem) que profere um dizer e o “eu” (sujeito/ator) que profere outro dizer. O primeiro “eu” é uma criação literária, enquanto o segundo “eu” é o **sujeito do discurso**. É importante ressaltar que:

[...] o sujeito do discurso ocupa um lugar de onde enuncia, e é este lugar, entendido como a representação de traços de determinado lugar social (o lugar do professor, do político, do publicitário, por exemplo), que determina o que ele

pode ou não dizer a partir dali. Ou seja, este sujeito, ocupando o lugar que ocupa no interior de uma formação social, é dominado por uma determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso (MUSSALIM, 2012, p. 156).

O “lugar social” do ator, no caso do *Andy*, o impedia de dizer algo de forma grosseira ou brincalhona, então ele faz uso de um “não-dito” do *Gollum*, incorporando-o no modo de falar e então diz o que disse, do mesmo modo que o *Hobbit* diria. Ressaltamos que conceito de “não-dito” tomado aqui está conforme Orlandi (2013), que advoga que o “não-dito” é constitutivo de significado dentro de um enunciado.

Voltemos ao dito de *Andy*. Isto só é possível de ser dito por que ele tinha em mente que todos ali presentes sabiam que ele era o *Gollum* dos filmes, ou seja, as mais de 100 mil pessoas que estavam lá conheciam a personagem (Cf. SALEM, 2003, p. 24). E deste modo, portanto, o público viu comicidade no dito e não algo vil. Portanto o “não-dito” também é constitutivo de significado.

Precisamos, neste momento, nos apoiarmos na noção de **subjetividade** de Benveniste, discutida por Brandão (2004) para então aprofundarmos nossa discussão. Pois para Benveniste, como aponta Brandão (2004, p. 56):

[...] a subjetividade é a capacidade de o locutor se propor como sujeito do seu discurso e ela se funda no exercício da língua. Esse locutor enuncia sua posição no discurso através de determinados índices formais nos quais os pronomes pessoais constituem o primeiro ponto de apoio na revelação da linguagem [...].

Assim, vemos que no dito de *Andy* aparece o pronome do caso reto “nós” (pois o *Gollum* nunca diz “eu” em seus enunciados) que revela o ser duplo que é a personagem (*Gollum/Sméagol*), acrescentamos aí então outro “eu” (do ator), formando o “nós”. Em outras palavras, para a personagem, o “nós” é sempre um “eu”, pois para ela o correto é falar dela e do “outro” que nela habita. Entendemos deste modo que o ator estava ciente ao empregar o “nós” no seu novo enunciado.

Vamos agora a uma análise linguística do enunciado de modo mais aprofundado do dito de *Andy* e do “não-dito” do *Gollum*.

Vejamos o seguinte quadro:

ANÁLISE	
<b>(I) O dito de Andy ao incorporar a personagem da trilogia</b>	
<i>Wellington é uma droga. Não, não, meu precioso... Nós amar Wellington. É nossa amiga.</i>	
<b>(II) Modo de falar do Gollum/Sméagol</b>	
(1)	Nós <b>amar</b> ela/ele.
(2)	Nós <b>quer</b> ela/ele.
(3)	Nós <b>odeia</b> ela/ele.
(4)	Nós <b>come</b> ela/ele.
<b>(III) Possíveis ditos do Gollum/Sméagol</b>	

(1)	Nós <b>amar Erebor</b> . (cidade dos anões)
(2)	Nós <b>odeia Erebor</b> .
(3)	Nós <b>amar Valfenda</b> . (cidade dos elfos)
(4)	Nós <b>odeia Valfenda</b> .
(5)	Nós <b>quer o precioso</b> .
(6)	Nós <b>come ele</b> . (ele: <i>Bilbo</i> ; <i>Frodo</i> ; <i>Sam</i> : ladrão, portador do anel e seu amigo, respectivamente).
<b>(IV) Os não-ditos do Gollum/Sméagol</b>	
(1)	<b>Wellington</b> é uma <b>droga</b> ...
(2)	Nós amar <b>Wellington</b> ...
<b>(V) Modo de falar de Andy</b>	
(1)	" <b>I hate him</b> " (Eu <b>odeio</b> ele)
(2)	" <b>I want it</b> " (Eu <b>quero</b> isso)
(3)	" <b>I like it</b> " (Eu <b>amo</b> isso)
<b>(VI) Outros possíveis ditos de Andy, com base nos não-ditos de Gollum/Sméagol.</b>	
(1)	<b>Washington</b> é uma <b>droga</b> . (capital dos E.U.A.)
(2)	<b>Nova York</b> é uma <b>droga</b> . (cidade americana)
(3)	<b>Detroit</b> é uma <b>droga</b> . (cidade americana)
(4)	Nós amar <b>Washington</b> .
(5)	Nós amar <b>Nova York</b> .
(6)	Nós amar <b>Detroit</b> .
(7)	<b>Washington</b> é uma <b>chatice</b> .
(8)	<b>Nova York</b> é uma <b>porcaria</b> .
(9)	<b>Detroit</b> é uma <b>ilusão</b> .
(10)	Nós amar <b>Estados Unidos</b> . É nossa <b>nação</b> .

Podemos resumir o quadro da seguinte maneira:

**(I) O dito de Andy ao incorporar a personagem da trilogia** — encontramos o dito de *Andy*, que evidentemente remete ao discurso de *Gollum/Sméagol*.

**(II) Modo de falar do Gollum/Sméagol** — mostramos as frases incomuns, com flexões verbais que não seguem a língua padrão (inglesa) que o personagem usa.

**(III) Possíveis ditos do Gollum/Sméagol** — temos justamente as possibilidades de enunciados da personagem.

**(IV) Os não-ditos do Gollum/Sméagol** — temos, por outro lado, as impossibilidades de enunciados da personagem.

**(V) Modo de falar de Andy** — mostramos as frases comuns, com flexões verbais seguindo a língua padrão (inglesa) que o *Andy* usa.

**(VI) Outros possíveis ditos de Andy, com base nos não-ditos de Gollum/Sméagol** — finalmente, mostramos os ditos que podem ser enunciados

por Andy, tomando como referência os enunciados da personagem que ele interpreta.

Há outros modos de ver esta análise, para isso tomaremos duas noções centrais da linguística estruturalista: as “relações sintagmáticas” e as “relações paradigmáticas”. Nas palavras de Costa (2013, p. 121):

[...] As relações sintagmáticas decorrentes do caráter linear da linguagem dizem respeito às articulações entre os sintagmas e relacionam-se às diversas possibilidades de combinação entre essas unidades.

Além das relações sintagmáticas que dizem respeito à distribuição linear das unidades na estrutura sintática, as línguas apresentam relações paradigmáticas ou associativas que dizem respeito à associação mental que se dá entre a unidade linguística que ocupa um determinado contexto (uma determinada posição na frase) e todas as outras unidades ausentes que, por pertencerem à mesma classe daquela que está presente, poderiam substituí-la nesse mesmo contexto.

Assim, voltemos ao dito de *Andy* com este novo olhar:

<b>(I) O dito de Andy ao incorporar a personagem da trilogia</b>			
<b>Wellington é uma droga. Não, não, meu precioso... Nós amar Wellington. É nossa amiga.</b>			
<b>N. York é uma chatice.</b>	<i>Não, não, meu precioso...</i>	<b>Nós amar N. York.</b>	<b>É nossa aliada.</b>
<b>Detroit é uma porcaria.</b>	<i>Não, não, meu precioso...</i>	<b>Nós amar Detroit.</b>	<b>É nossa cidade.</b>
<b>Os Estados Unidos é uma ilusão.</b>	<i>Não, não, meu precioso...</i>	<b>Nós amar os Estados Unidos</b>	<b>É nossa nação.</b>

Compreendemos deste modo que o enunciado em pauta, no eixo sintagmático segue a mesma sequência do enunciado do *Gollum/Sméagol*; no eixo paradigmático vemos as inúmeras possibilidades do dito, como base no “não-dito” da personagem.

Esperamos que nossa análise tenha deixado bem claro que o enunciado do ator não foi produzido ao acaso, pelo contrário, vemos que *Andy* fez uso do material existente em sua própria língua, tomando como referência o modo de dizer do *Hobbit*.

### Considerações Finais

Este estudo se propôs a analisar, com base na AD um “dito” do ator *Andy Clement Serkis (Gollum/Sméagol)* em meio à pré-estréia mundial de “O Senhor dos Anéis” em Wellington, Nova Zelândia.

Notamos que o ator (sujeito do discurso) “reincorpora” a sua personagem com uma finalidade cômica, ou seja, ele quis ser um *Hobbit* “engraçado” exatamente como a personagem, mas para fazer isto, ele levou em conta o

*conhecimento partilhado* que o público tinha sobre *quem* ele representava nos longas-metragens.

Assim sendo, o *contexto* também deve ser tido como elemento central para o entendimento do “dizer”, pois sem isso, uma sentença como a que foi dita, teria uma interpretação totalmente diferente da que teve: passaria do “engraçado” para o “arrogante”.

---

## Referências

---

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010. (publicação original em russo de 1929).
- BRANDÃO, Helena Negamine. I. **Conceitos Fundamentais – Enunciação e construção do sentido**. In: \_\_ ROSELI et al. *Comunicação e Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012. [p. 19-44]
- \_\_\_\_\_. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2004.
- COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: \_\_ MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto: 2013, p. 113-126.
- LYONS, John. **Introdução à Linguística teórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Editora da USP, 1979.
- MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, Anna C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. Vol. II. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 113-165.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2013.
- SALEM, Rodrigo. **O senhor dos anéis: a trilogia**. *Revista Set Especial*. Ed. 11. São Paulo: Peixes, dez. 2003.
- TOLKIEN, J. R. R. **O hobbit**. Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013 [original de 1937].
- \_\_\_\_\_. **O senhor dos anéis: a sociedade do anel**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- \_\_\_\_\_. **O senhor dos anéis: as duas torres**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- \_\_\_\_\_. **O senhor dos anéis: o retorno do rei**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

---

## Referências (Filmes)

---

- THE LORD OF THE RINGS: THE FELLOWSHIP OF THE RING**, EUA, 2001. Dirigido por Peter Jackson. 178 min. Warner. Aventura.
- THE LORD OF THE RINGS: THE TWO TOWERS**, EUA, 2002. Dirigido por Peter Jackson. 179 min. Warner. Aventura.
- THE LORD OF THE RINGS: THE RETURN OF THE KING**, EUA, 2003. Dirigido por Peter Jackson. 200 min. Warner. Aventura.
- THE HOBBIT: AN UNEXPECTED JOURNEY**, EUA, 2012. Dirigido por Peter Jackson. 169 min. Warner. Aventura.
- THE HOBBIT: THE DESOLATION OF SMAUG**, EUA, 2013. Dirigido por Peter Jackson. 161 min. Warner. Aventura.

---

## Para citar este artigo

---



DE SOUZA, Adílio Júnior. Entre O “Dito” De *Andy Clement Serkise* O “Não-Dito” Do *Gollum*: Um Estudo Acerca Do Sujeito Do Discurso. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3., n. 3, JUL-DEZ. 2014, p. 03-14.

---

## O Autor

---

**Adilio Junior de Souza** possui Graduação em Letras [2007] e Especialização em Ensino de Língua Portuguesa, Literaturas Brasileira, Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa, pela Universidade Regional do Cariri (URCA) [2009] e Especialização em Docência do Ensino Superior, pela Faculdade Católica do Cariri (FCC) [2012]. Atualmente, é bolsista CAPES no Mestrado em Linguística, na linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, do Programa de Pós- Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Membro do Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de Base (TLB), registrado no CNPq. Tem experiência em Linguística Histórica, Filologia Românica e Portuguesa, Língua e Literatura Latina.